

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OS CAMINHOS DE BEATRIZ NASCIMENTO: UMA SOCIEDADE LIVRE, O QUILOMBO E A LEGITIMIDADE DE UMA HISTÓRIA OCULTA

Prof. Alcione Aparecida da Silva (Mestranda) –
PPGHP/ Unespar – campus de Campo Mourão)

Prof. Dra. Eulália Maria A de Moraes –
PPGHP/ Unespar – campus de Campo Mourão)

Resumo: Na presente pesquisa, propõe-se análise histórica a respeito da intelectualidade, ativismo e militância da sergipana Maria Beatriz Nascimento (1942 – 1995), que sempre esteve sintonizada com os movimentos negros, que emergiram por volta de 1977 no Brasil. Mais conhecida como Beatriz Nascimento, graduou-se em História em 1971, mulher negra, foi escritora, poeta, roteirista e professora; como intelectual e ativista entre parcela significativa das mulheres negras foi marginalizada e na historiografia das representatividades negras é pouco conhecida. Em termos metodológicos, consideramos suas obras publicadas bem como entrevistas como fontes primárias da pesquisa. Tragicamente assassinada em 1995, no Rio de Janeiro, este ano (2021) completaria setenta e nove anos de nascimento. Defendia a autora uma história do Brasil escrita com vistas à realidade histórica do negro e que, segundo ela, nunca foi narrada legitimamente pelos próprios *sujeitos*. Nesses aspectos, justificamos a relevância do tema considerando também a sua atualidade, em meio às novas discussões e pesquisas sobre racismo e a condição da mulher em sociedade. Com este olhar lúcido e crítico, Beatriz Nascimento considerou importante, para eixo de análise, a história do Quilombo dos Palmares, no século XVII, sob a liderança de Zumbi e Dandara – modelo de sociedade livre, que se destaca em sua obra e análise, com originalidade em sua abordagem. Em suas pesquisas sempre colocou-se como objeto de seus estudos. Além de publicações fundamentais, concedeu entrevistas com depoimentos e análises à viva discussão sobre o negro e a mulher, com grande lucidez e resistência. As fontes, evidências e fatos por ela coletados e analisados, a sua narrativa, as suas reflexões, as suas críticas, partem de um lugar distante do universo acadêmico – lugar onde só visualizava o negro a partir de suas contribuições culturais e estudos de escravidão. Neste sentido, objeto e objetivos recaem sobre a necessidade de dar visibilidade e reconhecimento ao ativismo e militância da autora, bem como ao seu trabalho de pensadora vigorosa e original, por justiça e contribuição incontestável ao movimento negro, à história e ao ensino de história pública.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento; Movimento Negro; História Pública; Ensino de História.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1. Introdução

Maria Beatriz Nascimento, mulher de origem humilde foi roteirista, escritora e, principalmente, ativista em defesa dos direitos humanos e do movimento negro no Brasil. Dona de importante contribuição cultural, política e intelectual, dedicou-se durante toda a sua vida ao movimento negro e, mesmo após sua morte, sua atuação continua contribuindo para as reflexões e ações necessárias no campo social. Nascida em Sergipe no ano de 1942 foi assassinada aos 53 anos (1995) deixando um grande legado de importantes reflexões e discussões sobre a luta racial.

A autora dedicou-se por anos aos estudos sobre a historiografia do negro no Brasil buscando suas origens e, questionando a ausência de referências negras nessa história, mas, as narrativas que não fossem apenas do e sobre os escravos. Conforme Mattos, Abreu e Guran, as abordagens de passados sensíveis, à exemplo do tema recorrente, envolvem, acusações sobre o tráfico negreiro que pesam sobre as “modernas democracias ocidentais, bem como das elites africanas pré-coloniais”, do que resulta em temáticas que trazem um contínuo de dor e vergonha como se fosse um perpetuar do vivido pelos escravizados; é assim que “a memória da diáspora africana, resultante do tráfico negreiro, elabora tais temáticas na memória pública (MATTOS et alii, 2014, p. 258).

Compreensível se tona a luta de Beatriz Nascimento, em especial contra o racismo e a discriminação de gênero, tendo como prioridade a experiências sobre a subalternidade que a mulher negra sofria. A ativista participou e até mesmo foi fundadora de importantes núcleos de estudos do Rio de Janeiro, alcançando o pioneirismo nos temas relacionados a discriminações raciais além de engajar os espaços das universidades para que fossem locais de disseminação intelectual, buscando mudanças do futuro do país.

O legado da ativista lamentavelmente é apenas mais um, de vários, que caíram na política do esquecimento, estratégia historicamente disseminada para silenciar intelectuais negros. Assim, por diversas vezes são contestados a falta de intelectualidade negra no Brasil, mas o que deve ser questionado não é a falta e sim o abandono daqueles intelectuais tão importantes para a história pública do país, como é o caso de Beatriz.

É necessário, portanto, a compreensão da legitimidade não apenas da história de Beatriz, mas também o combate as incessantes tentativas de se apagar histórias negras por meio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estereótipos como o questionamento ao despreparo de intelectuais negros quando comparados com brancos, assim como todas as dificuldades por eles enfrentadas desde as origens.

Nesse sentido, o presente artigo busca contar a trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Longe de esgotar a respeito de suas inúmeras contribuições literárias, a ideia é apresentar suas significativas lutas travadas, compreendendo a contribuições para o avanço intelectual da cultura negra no Brasil. Necessário ainda proporcionar visibilidade para a referida temática que se faz atual sobre o racismo e a condição da mulher na sociedade propiciando o reconhecimento de suas obras e de seu legado.

2. História de Beatriz Nascimento em sua própria narrativa

Historicamente, Beatriz Nascimento conta de maneira vívida o desenvolvimento e a continuidade contingente do negro no Brasil. De forma incisiva, a autora traz consigo o conceito: “eu sou preta, penso e sinto assim” (NASCIMENTO, 1974, p. 94), demonstrando pioneirismo na redação de uma história em que pessoas negras sejam tratadas igualmente aos demais seres humanos. A vontade não evoca o passado, da mesma forma que não o dispensamos por um exercício da nossa deliberação intelectual. “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”. Pode-se proibir a narrativa da lembrança, mas não a lembrança. O tempo passado irrompe no presente ele “é um perseguidor que escraviza ou liberta” dependendo do procedimento da narrativa cujos ideais deverá promover um *continuun* significativo e interpretável do tempo” (SARLO, 2007, p. 9-12).

Batista (2016, p. 24) sintetiza a caminhada de Beatriz defendendo que: “Entendo a trajetória de vida de Beatriz Nascimento como um projeto sartreano cuja antecipação do futuro em planos, sonhos e desejos remete-nos às escolhas, estratégias e táticas consideradas adequadas para alcançar os objetivos propostos”.

Sua escrita é feita em primeira pessoa, diferentemente dos demais historiadores que tratam a mesma temática, os quais utilizavam a narrativa em terceira pessoa para informar os fatos de modo *imparcial e objetivo*. Já Beatriz, demonstra o enfrentamento na pele dos problemas e a falta de inserção da sociedade que atingiam os negros (REIS, 2019, p. 2). O sujeito que narra sua experiência empresta corpo e voz a narrativa e nela tem-se a “presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

experiência sem narração”. A linguagem é libertadora, promove a redenção do incomunicável e a experiência silenciada ganha atualização e funda temporalidade (SARLO, 2007, p. 24-25).

Maria Beatriz nasceu na cidade em Aracaju no ano de 1942. Na década de 1950 mudou-se com seus pais e nove irmãos para o Rio de Janeiro, residindo num subúrbio carioca. A autora conta que ainda na sua infância teve o contato com a história dos negros, a partir de um livro que pertencia a sua avó materna e que estivera por anos guardado. Apenas anos mais tarde que compreendeu os significados das palavras como “guerreiros” e “Palmares”.

Um dia, na casa de vovó eu vi um livro entre outras coisas no Baú. O livro falava de guerreiros e de palmeiras. Já não me lembro dos pormenores. Sei que eu lia e saía até a margem do sítio com o mar e voltava-me de costas para olhar as palmeiras. E entre a densa vegetação imaginava aqueles guerreiros em luta (NASCIMENTO, 1983, p.03).

Sua inquietação sobre a ausência dos indivíduos negros na história efetiva brasileira foi percebida ainda nos anos escolares. A autora retrata em sua obra que nos textos, apresentados durante os primeiros anos letivos eram raras a presença da figura negra sem que fossem escravos: “[...] até Zumbi com quem eu me deparei num texto por volta da 4ª série primária, era considerado como tal (escravo). Nunca deparei-me com uma ilustração sequer do indivíduo herói de Palmares” (NASCIMENTO, 1983, p. 02).

Aos 28 anos ingressou nos estudos em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) finalizando sua graduação no ano de 1971. Sua trajetória acadêmica foi marcada pela militância intelectual relacionadas as temáticas da cultura negra.

Uma mulher negra que se torna pesquisadora e elabora um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, inspirada da vida extra-muros da universidade como o fazia Beatriz Nascimento, rompe com esse processo de invisibilidade no espaço acadêmico. Uma mulher negra pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez o seja nesse campo enquanto autora (RATTS, 2006, p. 29).

Sua insatisfação era transformada em vontade de modificar a maneira como a universidade e a sociedade dispunha a história dos negros. Para ela, a existência histórica dos negros apenas como escravos era algo obsoleto, mas ao mesmo tempo real e palpável uma vez que essa visão se refletia claramente na escassez de estudos de qualidade sobre a temática.

E quando cheguei à universidade, a coisa que mais me chocava era o eterno estudo, quando se referia ao negro, sobre o escravo, como se durante todo o tempo da História do Brasil nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para a fazenda, para a mineração (NASCIMENTO, 1977, p. 127).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A autora tinha propriedade ao afirmar que o sentimento dos negros na História brasileira era de constante escravismo sendo estes incapazes de reagir às situações a que foram submetidos e instituídos. Entretanto, isso ocorria devido às péssimas orientações em historiográficas e implicações ideológicas que de forma sistemática localizava essas pessoas na condição de “classe mais baixa”, geralmente com falta de instruções e poucas condições econômicas, posicionando tais conceitos tão intrinsecamente até que todos acreditassem, incluindo os mais prejudicados nesses casos, ou seja, a própria população negra (NASCIMENTO, 1977, p. 128).

Em sua redação, os escritos dos intelectuais brancos são lembrados e criticados, quando tratam o negro apenas como parte da História do escravismo colonial e não como humanos racionais que são,

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade (NASCIMENTO, 1974a, p. 95).

Deve-se considerar que a vida brasileira de várias formas teve seu traçado existencial forjado pela escravidão. Com particular contornos e entonações a natureza da escravidão ganhou aspectos consideráveis com publicação de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre em 1935. Se por um lado o passado negro brasileiro ganhava visibilidade e publicidade literária, por outro lado as relações escravagistas e o fenômeno da miscigenação foram suavizados e passaram, por essa razão, a orientar os estudos da sociedade brasileira.

Sempre na vanguarda Beatriz manteve-se em sintonia com grupos de trabalho importantes com o *Grupo André Rebouças* no ano de 1974, que era pioneiro na organização do *Movimento Negro Acadêmico* defendendo publicamente a luta dos negros nas universidades, tornando-as *locus* da reescrita dessa história no Brasil. Participou de conferências como a *Quinzena do Negro* da Universidade de São Paulo no ano de 1977 e sua presença era constante em movimentos sociais negros incluindo o *Movimento Negro Contra a Discriminação Racial* fundado em 1978. Em 1979 a autora retoma os estudos ingressando no curso de especialização em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Beatriz foi aprovada no ano de 1984 em concurso público e então nomeada professora de História pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Rio de Janeiro, ação que teve importante respaldo para a intensificação dos debates sobre a inserção de conteúdos de História da África na grade curricular das escolas públicas do Brasil. Sua presença nesse âmbito foi essencial, pois sua preocupação recorrente era externalizada para que houvesse de fato a difusão da História africana e a representação da cultura negra no Brasil.

No ano de 1994, esse importante figura foi aprovada no Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro a partir do projeto que tratava sobre o terreiro, a capoeira e o gênero feminino na obra ficcional de Sodré. Na pesquisa seriam revelados os dramas vivenciados pelos indivíduos negros para obtenção de formação escolar e acadêmica.

Tragicamente, no ano de 1995, Maria Beatriz Nascimento foi assassinada em Botafogo no Rio de Janeiro, encerrando prematuramente uma incrível trajetória intelectual e de suma importância para a intelectualidade negra do Brasil. Em seus últimos anos, a pesquisadora enfrentou dificuldades psíquicas e, em seus diários e anotações, transcreveu a maior dificuldade vivenciada por ser uma mulher negra: “a solidão e a ausência de amor pela sujeição a um contínuo processo de sexualização” (BATISTA, 2016, p. 49).

Ao longo de sua trajetória seus textos resultaram em três importantes obras: a primeira publicada no ano de 2006: “Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, livro que reúne artigos da autora e a sua biografia redigida por Alex Ratts. Em 2015, foi publicada a obra: “Todas (as) distâncias: poemas, aforismos, e ensaios de Beatriz Nascimento”, também organizado por Alex Ratts em coautoria com Bethânia Gomes. Finalmente, em 2018 foi a vez da publicação de: “Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição” ordenado pela União dos Coletivos Pan-Africanistas. Reis, (2019 p. 3) ainda reitera sobre a última e as demais obras:

[...] até então a obra mais completa que temos sobre a autora, pois reúne artigos, escritos para revistas, entrevistas, poesias, entre outras coisas. Consideramos importante destacar, nesta breve genealogia das obras de Beatriz Nascimento, que as publicações sobre a autora são, sobretudo, fruto do engajamento de militantes e ativistas. (REIS, 2019, p. 3)

Sua caminhada de décadas foi dedicada aos estudos das formações dos quilombos no Brasil, indicando relações entre as experiências diaspóricas dos africanos e seus descendentes nas terras brasileiras. O tema étnico-racial foi amplamente abordado para que gerasse visibilidade social e dessa forma fortalecesse o movimento negro. Para o autor de sua biografia

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intelectual, Alex Ratts (2016, p. 59), os quilombos com ênfase naquele de Palmares poderiam ser tidos como projeto de Nação com a participação dos negros como protagonistas sendo esses locais não apenas refúgios, mas, também, a liberdade e a busca incansável de um espaço de paz.

No sentido territorial a autora defendia o reconhecimento e também a titulação das terras quilombolas:

Que os movimentos negros apurem onde existem terras ocupadas por comunidades negras, e providenciem por meios legais, a aplicação do usucapião evitando os problemas de usurpação das terras.

Luta pela defesa dos posseiros, na sua maioria negros e mestiços, com aplicação das leis, desprezadas pelo próprio Estado (1983, *apud* RATTTS, 2006, p. 54).

Ainda que Beatriz Nascimento fosse inquestionavelmente uma das maiores estudosas da temática no Brasil, ela teve maior reconhecimento a partir do documentário “Ôri”. O título tem significado de “cabeça” e relaciona-se para os candomblecistas com a mente, a inteligência e a alma, elemento de tradições orais realizadas na África. A referida obra foi lançada no ano de 1989 sendo dirigida pela cineasta Raquel Gerber, contando com a narração da própria Beatriz e seus textos autorais.

O filme-documentário “Ôri” é dividido em três partes: 1) raízes e genealogia; 2) afirmação da identidade; 3) luta pelo poder e a questão nacional. O documentário percorre as trajetórias de líderes, ideias e ideologias durante os anos de luta contra os regimes autoritários no Brasil e no continente sul-americano. Documenta a existência de culturas negras transmigradas da África para a América e procura estabelecer os nexos históricos com as comunidades negras no sul do Brasil. Fala da memória do negro e da procura de sua autoimagem na modernidade (BATISTA, 2016 p. 39).

Curiosamente, ou ainda meticulosamente, a obra traz Zumbi dos Palmares como herói, investigando a adaptação da cultura negra no mundo e a busca pelas ligações existentes entre o Brasil e a África. Nessa narrativa é abordada amplamente a historiografia do negro e a maneira que o homem africano se familiarizava com a cultura dos antepassados recriando, portanto, a “África no Brasil”. Reis (2020, p. 27) explica a imensidão dessa importância ao se trazer essa relação à tona

Ao observarmos a cultura diaspórica dos deslocamentos da energia vital do continente africano, temos que dar conta dos rastros/resíduos de uma africanidade e das teorias que dão suporte necessário para compreensão dessa cultura e seus desdobramentos na vida e na experiência da dispersão humana que o continente africano sofreu. Ao trabalharmos na chave interpretativa da Gnose – ligada a saber e reconhecer – estaremos reestabelecendo um contato imediato com racionalidades plurais que nunca deixaram de operar, mas que foram subalternizadas juntamente com indivíduos no processo colonial;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

processo que inferiorizou, perante o conhecimento colonizador tido como universal, toda forma e conteúdo de se fazer entender o mundo e, assim, entender-se também no mundo (REIS, 2020, p. 27)

Nessa obra é mostrada ainda a trajetória da autora para a criação de suas pesquisas sobre quilombos e destacados importantes momentos políticos que influenciaram o movimento negro no Brasil. É válido ressaltar que no ano de 1988, um ano antes do lançamento efetivo de *Ôrí* os movimentos negros se fortaleceram e denunciaram os efeitos causados pelo racismo também conhecido como “farsa da abolição” e que para Beatriz era a “reiniciação” como ela mesmo denominou,

E ÔRÍ é a palavra mais oculta porque é o homem, sou EU. Porque é o indivíduo, a identidade. A identidade individual, coletiva, política, histórica. ORI é o novo nome da História do Brasil. ORI talvez seja o novo nome do Brasil. Este nome criado por nós, a grande massa de oprimidos, reprimidos. Reprimidos antes, depois oprimidos, torturados. Transgressores. Aí nós estamos órfãos. Então organizamos este movimento durante esses 15 anos¹⁴ e ORI passa a acompanhar quando o Movimento procura o processo de institucionalização. Os processos abertos da fala (NASCIMENTO, 1983, apud RATTS, 2006, p. 65).

Nos anos seguintes, a pesquisadora seguiu a publicação de textos para revistas acadêmicas nacionais contendo críticas sobre a historiografia do Brasil e, seguindo seu pensamento sobre a necessidade de revisão da História do país e a visão estereotipada do negro, defendeu o protagonismo dos indivíduos negros na História brasileira e toda as suas contribuições, além de tratar assuntos como o dilema das crianças negras que não enxergavam representatividade nessa História. As instituições se tornaram hegemônicas por imposição de grupos raciais que impõem seus interesses. O domínio do homem branco sempre dependeu de regras ou padrões que dificultem a ascensão dos negros. Para Silvio Almeida “o uso do termo *hegemonia* não é acidental, uma vez que grupo racial no poder, enfrentará resistência (ALMEIDA, 2020, p. 41).

Paralelamente, Beatriz publica também discussões que envolvem o papel da mulher negra e o racismo, tomando como ponto de referência a si própria e sua história pessoal atacando as construções apresentadas por figuras públicas como a personagem Xica da Silva do filme de Cacá Diegues. Reafirma, portanto, todo o seu brilhantismo intelectual, a propriedade em abordar assuntos vivenciados por ela e por tantas outras pessoas que ainda que passem anos, se faz atual.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3. A Legitimidade de sua História

É com pesar que são detectados nomes importantes para a historiografia do Brasil que beiram o esquecimento e o abandono. De todos eles, a grande maioria é formada por mulheres que enfrentaram adversidades durante toda suas trajetórias de vida, como é o caso de Beatriz Nascimento: poetisa, protagonista, escritora, negra e mulher.

O movimento conhecido como a *política do esquecimento* perpassa diferentes épocas e gerações, muitas vezes com o objetivo de apagar as definições intelectuais disseminadas. Batista (2016, p. 54 *apud* ANTONIO GRAMSCI 1980) ao questionar sobre a quem se deve o exercício da atividade intelectual, responde sobre a crença na distinção entre *intelectual* e o *não intelectual*, sendo esses dois campos apenas diferenciados tão somente pela função social da categoria dos intelectuais, fato que justifica a forma com que a intelectualidade negra tem sido ilegítimada mesmo enfrentando inúmeras desvantagens históricas.

Os trabalhos de Beatriz Nascimento, principalmente aqueles que permeiam a temática do quilombo, permanecem, de certa maneira, invisibilizados. Maria Lúcia Pinn (2021, p. 91) comenta:

ainda que trabalhos de peso tenham sido gestados e escritos sobre a historiadora, mesmo com um movimento positivo de dedicação ao estudo das(os) intelectuais negras(os) tenha se acentuado recentemente, há ainda uma fraca incorporação desses pensadores ao campo historiográfico e Nascimento ainda segue invisibilidade em sua área de formação acadêmica (PINN, 2020, p. 91).

Reis (2020, p. 33 *apud* RICOUER, 1994, p.27) explica sobre a importância da narrativa de Beatriz entre sua vida e sua morte e a forma como a autora o fez: “[...] quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, que passaram pelos sentidos”.

Desse modo, ainda que passem anos as memórias trazidas e vividas por Beatriz são como imagens gravadas no espírito, que se mostra na história do presente. Todos os seus escritos são relevantes e os sentimentos ainda são vivenciados por aqueles que as leem.

Souza e Santos (2019, p. 6) em seu estudo exemplificam situações reais ocorridas na atualidade envolvendo questões raciais tratadas por Beatriz há mais de 30 anos. Em uma de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

suas experiências as autoras contam que, no ano de 2019, na Universidade Federal no Ceará, estudantes negros e negras do curso de Ciências Sociais se reuniam para debates na praça central da cidade e, nesses momentos, era possível sentir a tensão, e isso se dava pela extrema fragilidade do grupo. Acrescenta ainda:

Um dos estudantes refletindo sobre a denúncia, recupera o caso da historiadora Beatriz Nascimento, ressaltando como o silenciamento desses corpos e saberes se perpetuam em várias gerações. Percebemos então que precisávamos resgatar histórias e trajetórias de negras e negros acadêmicos que foram atravessados pelo silenciamento e o esquecimento dentro dos espaços em que ocupavam. Isso para nós, só reforça a circularidade de tais experiências, que por mais distantes que pareçam ser, repetem-se em vários momentos da história (SOUZA E SANTOS 2019, p. 06).

A complexidade construída por Nascimento, portanto, se dá diante dos muitos fragmentos de arquivos bem como sua habilidade indiscutível na defesa do que acreditava. Alex Ratts (2006, p. 58) ainda explica que a informalidade transparecida na literatura não pode ser considerada um descuido intelectual, visto sua vasta busca pelos estudos e sim uma marca que apresenta e posiciona os homens de cultura no campo da História.

A pesquisadora de fato deixou importantes discussões como é o caso dos quilombos, demonstrando de qual forma a construção história impactou diretamente a vida da população negra. Em sua jornada propôs novas definições sobre a experiência do quilombo, como sendo um sistema social alternativo, um núcleo de convivência que não deveria ser considerado como generalista, uma vez que possuíam características específicas individuais, não sendo subordinados à época colonial, mas sim parte importante de todo o processo da História da Nação brasileira.

Então a minha questão foi a seguinte: o quilombo vem nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, de repente, o corte histórico deixa o quilombo como não existindo – entendendo o quilombo como núcleo de negros – e a gente se pergunta como é que uma história tão forte dentro de quatro séculos, ela pode ter, de repente, desaparecido do mapa. E eu cheguei à conclusão de que isso era um erro muito grande, quando comecei a fazer pesquisa no Arquivo Nacional com José Honório Rodrigues, eu comecei a ver nos cortes da polícia e na correspondência da polícia 129 com o ministro da Justiça milhares e milhares de quilombos que estavam localizados em áreas geográficas que até hoje no Rio de Janeiro são áreas de favelas ou exfavelas. Então a minha questão foi a seguinte: será que o quilombo, como está sendo entendido pela historiografia, ou seja, como um movimento político de rebelião e insurreição, ele não tinha também uma outra face que foi transportada, que teve uma continuidade acabando a Abolição (NASCIMENTO, 1977, p. 02).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pinn (2019, p. 154) conclui sobre o brilhantismo e as contribuições que a autora proporcionou para a história do país

Para a Beatriz, o campo historiográfico, ou ainda, o estudo da formação histórico-social do Brasil foi forjado a partir de um processo de importação de conceitos e estruturas tipicamente europeias da produção do conhecimento histórico, as quais acabaram por limitar as possibilidades de compreensão da História brasileira e que por consequência mostram-se insuficiente para tal empreendimento acabando por construir narrativas estereotipadas acerca da história da população negra e africana. Dessa forma, Beatriz não empreendeu apenas um estudo acerca da questão racial no Brasil, a autora empreendeu sobretudo, a construção de uma História do Brasil racializada, de e para a população negra, alterando seus tempos e conceitos (PINN, 2019, p. 154).

Sua luta constituiu-se no combate a visões estereotipadas sobre a população negra, bem como uma busca sobre a origem africana que explicaria e tornaria alvo de orgulho para estes indivíduos, obtendo a representatividade que merecem, além da defesa da mulher negra. Beatriz foi empreendedora em seus estudos não apenas ao tornar visível questões raciais no Brasil, mas por proporcionar uma nova história ética e politicamente voltada para o combate ao racismo.

4. Considerações finais

As teorias de Beatriz Nascimento somam uma composição de conceitos não apenas narrados, mas convertidos em sua própria experiência quanto a busca de suas origens africanas com o intuito de explicar e reescrever a forma como o indivíduo negro é visto no Brasil. Ainda que a pesquisadora tenha deixado seu legado há vários anos, suas experiências e debates são atuais e inerentes à sociedade contemporânea. A autora que se permite a uma leitura singular, fixa a sua pesquisa juntamente à sua própria imagem, sendo ela própria o objeto e sujeito de seu estudo, estando intimamente ligada à sua pessoa, colocando a si própria prova em suas experiências de mulher negra, poetisa, intelectual e militante.

A maneira incisiva de Nascimento ao compor sua trajetória se mistura em seus relatos, fato que dá o suporte emocional para que a história seja ainda vivenciada no tempo presente, perdendo-se a data de seus escritos e permitindo compreender a memória no momento em que é realizada a leitura.

A construção das narrativas sobre a população brasileira, sobretudo os negros brasileiros, se deu a partir de discursos realizados por homens brancos, os quais, por sua vez, são incapazes de ter a sensibilidade para compreender de fato as questões raciais que a época

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do colonialismo proporcionou ao país. É possível então analisar que, se atualmente a presença e a participação ativa dos indivíduos negros na História do Brasil são negadas, isso apenas reafirma a existência ideológica da exclusão dessas pessoas do contexto social, relegando à população negra conceitos enraizados como *classe baixa*, vinculando-a a uma participação social invisibilizada e a um baixo nível intelectual. Essa exclusão não deve ser apenas justificada a partir da descendência dessa população de africanos escravizados, mas sim ao conjunto de outros fatores como a *política do esquecimento* e a *falta representatividade*, gerando a sensação de não pertencimento para as atividades intelectuais.

Através e por meio disto é que toda a produção intelectual de Beatriz Nascimento necessita ser conhecida e amplamente estudada, de maneira a tornar públicas discussões sobre o problema enfrentado pelos negros e também pelas mulheres negras na História do Brasil e, dessa forma, proporcionar um debate justo, além da não aceitação da anulação do sujeito negro nessa História.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaira, 2020.

CARVALHO, Bruno L. P de; TEIXEIRA, Ana Paula T (Eds). **História Pública e divulgação de História**. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2019.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. Por uma História Pública dos africanos escravizados no Brasil. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 27, nº 54, p. 255-273, julho-dezembro de 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia do Quilombo. In: **Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola**. Possibilidade nos dias de destruição. União dos Coletivos Pan-Africanistas (org). São Paulo: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. Introdução ao conceito de Quilombo. 1987. In: **Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola**. Possibilidade nos dias de destruição. União dos Coletivos Pan-Africanistas (org). São Paulo: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: **Ratts, Alex. Eu sou Atlântica**. Sobre a trajetória de ida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas. 1981. In: **Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola**. Possibilidade nos dias de destruição. União dos Coletivos Pan-Africanistas (org). São Paulo: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma História do Homem Negro. In: RATTTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial/Kuanza, 1974a, p. 93-98.

_____. Historiografia do Quilombo. 1977. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento**. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

PINN, Maria Lídia de Godoy. “ **Tem-se que se tornar visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro** ”: **Maria Beatriz Nascimento e a reescrita da história do Brasil**. Dissertação. Pós-graduação em História. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana. 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13252/1/DISSERTAC%c3%83O_TornarVis%c3%advelRosto.pdf>. Acesso em 4 jun. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PINN, Maria Lúcia de Godoy. Beatriz Nascimento e a invisibilidade negra na historiografia brasileira: mecanismos de anulação e silenciamento das práticas acadêmicas e intelectuais. **Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**. Aedos, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p.140-156, dez. 2019

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

REIS, João Carlos. **Historiografia e quilombo na obra de Beatriz Nascimento**. Disponível em:

<<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5379/HISTORIOGRAFIA%20E%20QUILOMBO%20NA%20OBRA%20DE%20BEATRIZ%20NASCIMENTO.docx.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 de jun. 2021.

REIS, Rodrigo Ferreira. **Beatriz Nascimento vive entre nós: pensamentos, narrativas e a emancipação do ser (anos 70/90)**. Dissertação. Pós-graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis – SC. 2020. Disponível em:

<https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5062/Rodrigo_Ferreira_dos_Reis_Disserta_o_16154885995475_5062.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOUZA, Carll. SANTOS, Elisabeth Maria Oliveira dos. Sobre a história que a história não conta: por contranarrativas epistemológicas. **Revista Discente Oficinas de Clio**, Pelotas, vol.4, nº 06. Janeiro-junho de 2019.

TORRES, Sérgio. **Acusado de matar professora é preso no Rio**. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/09/cotidiano/13.html>>. Acesso em: 30 de março de 2021.